

# Após agressão, professor tem medo de voltar às aulas

30 SET 2008

DÉBORA TEIXEIRA

Os recentes casos de violência nas escolas assustam a sociedade e principalmente os professores que se sentem ameaçados pelos alunos. Em alguns casos eles se recusam a voltar às salas de aula e enfrentar o dia-a-dia com pessoas que deveriam ser vistas como parte da família, afinal essa é uma das finalidades da escola, ser vista pelos alunos como segundo lar. O professor de história Valério do Santos se recusa a voltar a dar aulas no Centro de Ensino Fundamental 4 de Ceilândia Sul (CEF 4). Isso porque o professor foi agredido há quatro meses e deveria retornar ao trabalho hoje, mas por avaliações médicas, seu retorno será adiado.

De acordo com matéria divulgada pelo portal G1, para cada dia de aula, um caso de polícia: no ano passado, no Distrito Federal foram registradas 200 ocorrências po-



ALESSANDRO DANTAS

**Colegas de trabalho atribuem violência à falta de segurança**

liciais contra professores nas escolas. A diretora do Sindicato dos Professores (Sinpro), Rosilene Côrrea, acredita que a situação está se agravando. "O clima dentro da sala de aula fica a cada dia mais grave e os professores cobram isso do sindicato. Estão transferindo um problema que deveria ser do Estado pa-

ra nós. Ajudamos a exigir soluções emergenciais para o problema", explicou.

Segundo Rosilene, as escolas precisam de policiamento para acalmar a situação da categoria e oferecer o mínimo de segurança, mesmo sabendo que apenas isso não é a solução. A diretora do Sinpro acredita que uma me-

dida importante seria trabalhar com uma política pedagógica. "Precisamos saber o que fazer com essa garotada, não basta levar as campanhas para dentro das escolas se não sabemos o que acontece com eles fora da instituição", ressaltou. "Não adianta trabalharmos com eles cinco horas se não sabemos o que acontece nas outras 19 horas do dia", completou.

A presidente da Central Única de Trabalhadores CUT-DF, Rejane Pitanga, afirmou que o cenário de violência continua nas escolas. "Isso se deve também ao processo de desvalorização na educação. A sociedade observa as condições em que os educadores são submetidos, salários baixos e más condições de ensino", contou. Rejane ainda alerta que a escola acaba cumprindo o papel da família. "Muitas crianças carregam problemas familiares e têm uma estruturação fami-

liar precária. Acredito que não se combater a violência com punições severas, é preciso que haja investimento governamental para mudar esse cenário", apontou.

## Segurança

Um dos coordenadores do CEF 4, que não quis de identificar, afirmou que depois da agressão da qual o professor Valério foi vítima, a escola recebe policiamento no turno da manhã e da tarde. "O comando da Polícia Militar é responsável por isso e vem realizando um ótimo trabalho", afirmou. O funcionário acredita que a presença do policial no colégio não tem intenção de constranger os alunos, sim dar segurança.

O delegado-chefe da 15ª Delegacia de Polícia, Adval Matos, afirmou que existem raríssimos casos de violência entre alunos e professores registrados. "Na maioria eles resolvem os problemas de convivência dentro da própria sala de aula", contou. Ele alerta que o professor não precisa se expor. "A polícia se preocupa em manter um contato constante com as escolas e estamos prontos para atender a qualquer tipo de denúncia", afirmou.